

Instâncias do acontecimento. Um pensamento de dentro da Kaza Vazia.

CLARICE LACERDA

O coletivo Kaza Vazia – Galeria de Arte Itinerante é um grupo de artistas jovens, a maioria estudantes de arte, que surgiu basicamente pela vontade. Não houve, durante os dois anos de existência do grupo, nenhum tipo de ideologia, preceito ou manifesto que condensasse as intenções dos participantes. O ponto em comum que promove a união dos artistas sempre foi o desejo de atuação, de produção e - numa tentativa arriscada de síntese – de vivência. Vivência essa que não se dava de maneira satisfatória nos espaços acadêmicos nem nas instituições culturais ou galerias de Belo Horizonte. O Kaza Vazia buscava espaços para o acontecimento, tendo sempre em mente que estes fossem motivadores e ao mesmo tempo receptores das experiências vividas, influenciando continuamente o processo criativo/construtivo dos trabalhos. Próxima à noção de site-specific, o trabalho do coletivo consistia não apenas na imersão em determinado contexto espacial-temporal, mas também na convivência estabelecida entre seus integrantes, um grupo movente que se reconfigura e se reorganiza a cada edição.

Mas quais seriam esses espaços destinados à atuação? E como acessá-los? Inicialmente buscou-se o vazio: espaços abandonados espalhados pela cidade. A linha de trabalho adotada confluía para a idéia de ocupação. A Galeria de Arte Itinerante se estabelecia num determinado contexto de maneira efêmera mais do que apenas realizava exposições em lugares "pouco convencionais".

O primeiro local escolhido para gestar e abrigar as ações do coletivo foi um casarão situado em frente ao Museu de Arte da Pampulha.

Desde o primeiro momento de atuação a entrada nos espaços esteve vinculada ao diálogo. Na maioria das solicitações de uso dos espaços, os mesmos foram gentilmente cedidos, mas nem sempre todo o processo de ocupação ocorreu de forma tranqüila. Na segunda edição da Kaza Vazia, também realizada na região da Pampulha, foi necessária uma negociação mais direta: durante um dos dias da exposição, para manter as portas abertas, o responsável pelo espaço requisitou algo em troca.

As ocupações seguintes foram realizadas no Ed. Malleta - tradicional espaço comercial de Belo Horizonte (3ª edição) – e no IAPI, conjunto habitacional muito conhecido na cidade (4ª edição). Os contextos que muitas vezes eram reconhecidos e escolhidos por seu potencial como espaços vazios se mostraram, nessa situação, habitados por diversos grupos de pessoas, abrigando um vasto de leque de relações interpessoais, políticas, econômicas, culturais, etc. Nesse caso, o coletivo se viu imobilizado para interferir diretamente no contexto. Após uma série de visitas, reuniões com moradores, síndicos e autoridades locais, a Kaza Vazia optou por realizar apenas uma ação. Ação Cartas consistiu num momento de reunião dos artistas com os moradores – a maioria crianças – para confecção de cartas em suportes diversos, as quais, posteriormente, foram enviadas.

A atenção aos espaços e a intensidade das intervenções propostas é sempre um ponto que solicita reflexão do grupo. Como no caso do IAPI um mapeamento prévio dos contextos é de vital importância não apenas para a consistência do trabalho do coletivo, mas para que a dimensão da experiência seja vivenciada de forma mais consciente. Todos os trâmites e instâncias que envolvem a realização de uma edição da Kaza Vazia são considerados tão relevantes quanto a exposição final, que normalmente dura dois dias. A experiência de um grupo aberto, que recebe pessoas de diferentes áreas e que se propõem situações ímpares a cada edição são os pontos maiores de interesse.

A vontade mencionada inicialmente, que acredito ser o elemento essencial para a existência e compreensão do coletivo, é o desejo pela experiência vivida numa perspectiva mais alargada da produção artística. Não como uma forma combativa de um sistema ou de um mercado de arte. Não como uma tentativa de reviver utopias ou levantar bandeiras de outro tempo. Tão pouco se trata de um modelo harmônico de funcionamento e arranjo coletivo. O equilíbrio entre discurso e prática muitas vezes se mostra perigoso. A ausência de uma curadoria faz com que todos necessitem refletir sobre seu próprio trabalho, sobre a existência do coletivo, e qual a razão para estarem envolvidos nesse fazer. E não é raro que esse refletir/fazer gere embates. As discussões por vezes parecem infundas e em muitos casos não conduzem o grupo a lugar algum. Dada à discordância dos integrantes até mesmo naquilo que os motiva a estar junto – cada um possui sua concepção do que é Kaza Vazia. O título "Galeria" assegura uma perspectiva individual da produção artística, mesmo que numa situação de convivência. Não partindo de nenhuma convenção do grupo, o termo naturalmente adotado para definir as produções dos artistas é "trabalho" e não "obra". Acredito que a pretensão daqueles que se propõem integrar esse grupo movente não é ter a dimensão externa de sua produção artística legitimada pela instância de exibição ao público.

Como integrante de longa data desse processo caótico, mas que permanece em movimento acredito que o motivador de grande parte dos hoje aproximadamente trinta integrantes da Kaza Vazia é, afinal, a possibilidade de acontecer, juntos, não nas condições ideais para todos, mas, ainda assim, acontecer.

